

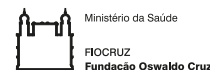
“Embora manifestos, os impactos da epidemia sobre os direitos humanos das mulheres precisavam ser incorporados de maneira visível e consistente na resposta do governo, com uma abordagem intersetorial e com participação ativa das mulheres, das jovens, das negras que são as mais afetadas e interessadas na mudança”.

Jaime Nadal
representante do
UNFPA no Brasil

A Sala de Situação, Ação e Articulação sobre Direitos das Mulheres, Direitos Sexuais e Reprodutivos em Tempos de Zika, criada por ONU Mulheres, Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) em resposta à emergência sanitária gerada pela disseminação do vírus zika, consolidou-se como um canal aberto para as organizações feministas e de mulheres, para a análise de pesquisas e informações sobre saúde e para ações de parceria entre a sociedade civil e as Nações Unidas. A sala de situação tem sido, também, um ambiente para a defesa de melhorias no saneamento básico brasileiro junto aos poderes locais, e ainda um espaço de diálogo sobre como garantir estes direitos, aprimorar os serviços de saúde sexual e reprodutiva.



Parceiros



Realização



Apoio



SALA DE SITUAÇÃO,
AÇÃO E ARTICULAÇÃO
SOBRE DIREITOS DAS
MULHERES, DIREITOS
SEXUAIS E REPRODUTIVOS
EM TEMPOS DE ZIKA

Política pública de qualidade
ouve a sociedade civil interessada



Gestor/a público/a: fique atento/a às ações da Sala de Situação sobre direitos das mulheres em tempos de zika vírus, dengue e chikungunya. Isso vai te ajudar a entender e atender as reais necessidades das mulheres, as mais afetadas pela tríplice epidemia. Para fazer política pública de qualidade é preciso ouvir as principais interessadas. A Sala de Situação reitera a necessidade de colocar as mulheres no centro da resposta à epidemia.

ONDE ESTAMOS E PARA ONDE VAMOS

As organizações que compõem a Sala de Situação avaliam que avançaram enquanto grupo e estão organizadas, com informação, dados e pesquisas que trazem elementos para proporem soluções.

A Sala de Situação traz um olhar crítico sobre os resultados e avanços das ações empreendidas em resposta à epidemia, o que pode significar uma mudança de patamar nas escolhas de políticas públicas, potencializando ganhos evidentes na resposta aos impactos da epidemia de zika aos direitos humanos das mulheres e das jovens.

Ele reconhece que a presença de representantes do governo nas reuniões da Sala de Situação tem sido relevante. “As representações governamentais trouxeram informações importantes, esclareceram dúvidas, ouviram as demandas. O ponto, porém, é ter as pessoas com o poder de decisão, fazendo com que esses diálogos se transformem em políticas públicas. Estamos em transição e chegaremos lá.”

“Nós temos que reconhecer que a epidemia está atingindo a população mais pobre e um grande número mulheres negras. O Brasil tem políticas públicas de saúde, de igualdade racial e das mulheres, então este é o momento dessas políticas serem uma realidade”, reforça Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres no Brasil.

NOTA EXPLICATIVA:

Nos estados mais afetados pela epidemia de zika foi instituída uma “Sala de Situação”, a exemplo daquela coordenada pelo Ministério da Saúde e Casa Civil do Governo Federal e da sala de situação da OMS- Organização Mundial da Saúde. Em situações de emergência em saúde essa é uma das ações prioritárias – o termo “situação” é utilizado em linha com o glossário da vigilância em saúde e da epidemiologia. O nome da “Sala de Situação, Ação e Articulação sobre Direitos das Mulheres, Direitos Sexuais e Reprodutivos em Tempos de Zika” é inspirado nessa ideia, mas se refere a um mecanismo diferente, voltado para debater a resposta aos direitos das mulheres na sua diversidade em tempos de tríplice epidemia.



MAIS DO QUE UM MOSQUITO

Controlar o vetor causador da tríplice epidemia – zika, dengue e chikungunya – é um compromisso essencial da gestão pública, mas a Sala de Situação tem mostrado que as políticas públicas precisam ir muito além.

Para Jurema Werneck há a necessidade de gerar dados desagregados por sexo e cor, para avaliação do impacto da epidemia entre as mulheres e nas diferentes comunidades. “A epidemia precisava ser discutida num contexto de violação de direitos e de racismo. O vírus zika surge onde outras epidemias já estavam soltas, onde há outras mazelas como a falta de saneamento básico, a falta de acesso à água potável contínua, a falta de coleta de lixo. São as mulheres quem têm arcado com o custo mais alto de tentar resolver os problemas das comunidades, das famílias e de resolver os próprios problemas de enfrentar um conjunto de epidemias”, ela explica.